

***Die Bremer Stadtmusikanten*, Serralves e Marionetas: Encontros, Consumos e Perspectivas entre a Sociologia e as Artes**

Rosalina Pisco Costa
Universidade de Évora e CEPESSE
rosalina@uevora.pt

Bremen, 7 de Junho de 2013, 08:50. Numa sala de aeroporto indistinta e trivial, um não-lugar como diria Marc Augé (1992), a Sociologia encontra – inesperada e inadvertidamente – as Artes. “Picasso, 1913 und die Deutschen” faz primeira página de uma edição especial do *Die Welt* que anuncia, volvidos 100 anos, uma nova exposição retrospectiva da obra do pintor na Alemanha, desta vez em Munique. Ao mesmo tempo que em grande formato o jornal antecipa a recepção da obra de Picasso, um grupo de adolescentes espanhóis invade a sala e encontra nas várias materialidades em torno do conto *Die Bremer Stadtmusikanten* um *regalo* de Bremen. Em livros, caixas de bombons, esferográficas ou porta-chaves, as figuras de um burro, um cão, um gato e um galo alinhadamente apoiados nas costas uns dos outros são o ícone que a cidade identitária e turisticamente apropriou a partir da fábula dos Irmãos Grimm.

Lisboa, 16:10. Há um jornal esquecido num banco da estação Oriente que lembra que Serralves vai estar “em Festa” este fim-de-semana. Desenhado e experienciado por criadores, actores e espectadores, (também) portugueses, Serralves promete quarenta horas *non stop* preenchidas com centenas de eventos a decorrer em vários espaços, dos jardins à baixa do Porto. Música, Dança, *Performance*, Circo, Teatro, Cinema, Vídeo, Fotografia, Exposições, Visitas Orientadas e Oficinas para Crianças e Famílias. Portugal não é Serralves e Serralves, certamente, não representa todo o Portugal. Ainda assim, os portões do Parque vão abrir, gratuitamente e pela décima vez, para “o maior festival de expressão artística contemporânea do país e um dos maiores da Europa”.

Évora, 18:35. Os MUPI’s publicitam a BIME – Bienal Internacional de Marionetas de Évora em toda a variante que circunda as muralhas. E é com as muralhas ao fundo, os arcos do aqueduto e as torres da Sé Catedral que o encontro com a cidade museu, património mundial da UNESCO, acontece impressionistamente no azul de uma ilustração inspirada na serpente dos Bonecos de Santo Aleixo. São estes, aliás, os principais “anfitriões” desta festa que na sua 13.^a edição acolhe em 2013 mais de vinte companhias oriundas de França, EUA, Inglaterra, Brasil, Argentina, Espanha, Perú, Alemanha, Dinamarca, Moçambique e Portugal para seis dias de apresentações distribuídas por espaços diversificados, inclusive nas ruas e praças do centro histórico.

No espaço e tempo aparentemente anódino e global do aeroporto, na Lisboa, capital à escala europeia e, finalmente, na pequena Évora, a

Sociologia encontra as Artes nas múltiplas e complexas interações que se estabelecem entre artistas, públicos, instituições e culturas. Mas as Artes também encontram a Sociologia que criticamente as perspectiva não apenas como produto mas produtor de realidade social (Nunes 1972). É por esta razão que importa estudar não apenas as condicionantes sócio-culturais (incluindo as económicas e políticas) n(d)as artes, mas também o modo como estas ajudam à construção social da realidade por parte de indivíduos, grupos e organizações com origens e trajetórias sociais diversificadas.

Definitivamente, não cabe à Sociologia formular juízos de valor sobre o que são as Artes, o que é a Obra ou o Artista, a sua utilidade ou sentido último. Já uma postura reflexiva e crítica sobre as relações inextricáveis que se estabelecem entre as artes e a sociedade é fundamental numa investigação que reconheça nestas um fenómeno social total, seja no domínio da criação artística propriamente dita, seja no domínio do consumo, aqui entendido numa acepção ampla, enquanto abilitade plural, diversificada e socialmente construída de um indivíduo para desejar, escolher, adquirir e fruir objetos materiais, serviços e experiências de índole diversa. Olhar criticamente para as relações entre as artes e a sociedade é, por isso também, olhar às relações que estabelecem com outras instituições sociais como o lazer, o trabalho, a política, a religião, a educação ou a família; à intersecção com as relações de poder, género ou classe social; e, finalmente, aos desafios resultantes da globalização ou das (novas) tecnologias da informação e comunicação que moldam a experiência estética contemporânea (Featherstone 1991).

Para além da reflexão crítica em torno da complexidade sócio-cultural do fenómeno artístico, a imaginação sociológica (Mills 1959) pode ainda contribuir para a investigação em Artes com o desenho de metodologias, instrumentos de recolha de dados, ferramentas e competências de análise aplicadas a campos diversos, nomeadamente o dos consumos, das ofertas e procuras pelos públicos de produtos culturais específicos que o campo das artes continuamente (re)cria e (re)produz. Em suma, e prospectivamente, é da conjugação entre a reflexão crítica e a interpelação metodológica que desejavelmente se realizarão (mais) estudos de base interdisciplinar nos domínios que os múltiplos encontros entre a Sociologia e as Artes dialéctica e criativamente potenciam.

Referências Bibliográficas

Augé, Marc

(1992), *Non-Lieux, introduction à une anthropologie de la surmodernité*, Paris, Le Seuil.

Featherstone, Mike

(1991), *Consumer Culture and Postmodernism*, London, Sage Publications.

Mills, C. Wright

(1959), *The Sociological Imagination*, Oxford, Oxford University Press.

Nunes, A. Sedas

(1972), *Questões Epistemológicas sobre as Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.